

UMA DISSERTAÇÃO SOBRE O RELEVO DA BAIXADA DA GUANABARA (RIO DE JANEIRO)

Se a idade e a saúde me permitissem postular outro emprego que não fosse o de professor aposentado, talvez me interessasse pôr quarenta anos de experiência em proveito da *universidade aberta*, que vai ser decretada por um grupo de professores, sedentários na maioria, em torno das mesas onde se elabora a legislação. Ora, para mim, o ensino foi sempre *aberto* para o *campo* (que às vezes pode ser a cidade) e durante anos se manteve no painel da Geografia o aviso de que as excursões não são obrigatórias mas é obrigatório o conhecimento do que nelas se ensina.

Na minha longa vida de geógrafo andarilho em quatro partes do mundo tive ensejo de conhecer, mesmo entre gente analfabeta, vivas e robustas inteligências e de as comparar à insuficiência intelectual de muitos dos nossos alunos. Longe dos locais de estudo, desprovidas de recursos, perdem-se muitas capacidades e vocações. Lembro apenas o guarda da Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela que me serviu de guia e em cujas informações sobre a sua vida de pastor, colhidas em 1937, baseei grande parte do meu livro sobre o *Pastoreio na Serra da Estrela*. Agradado com a atenção com que ia enchendo o meu caderno de campo, este rústico, que arranhava o francês por um episódio da sua vida de emigrante, confessou-me aquilo que verdadeiramente gostava de ter sido: *um dicionário*.

É impossível desenraizar do seu mundo os adultos; mas seria viável, com os recursos da Psicologia educativa (e não educacional como erradamente se diz no Ministério da Educação!) detectar, desde o ensino básico, os que, desprovidos de recursos e vivendo em lugares remotos, mereciam seguir estudos até onde a sua capacidade aconselhasse. Só assim se aproveitaria integralmente um potencial humano que, num país tão pobre como o nosso, constitui a sua principal riqueza. O que é muito diferente do que confiar a máquinas falantes, com ou sem imagem, um contacto que, sendo destinado a multidões, impossibilita o convívio humano directo e íntimo em que se funda qualquer ensino — que é preciso defender de perigosas mistificações.

É altura de recordar que os exames de adultos, sem escolaridade liceal obrigatória, têm dado alguns excelentes resultados, pois estes alunos mais crescidos trazem sempre experiência humana e decidida vocação.

Um doutoramento é um acto público e daí não me parece despropositado referir os contactos que justificam fazê-lo na Universidade de Lisboa uma distinta professora e investigadora brasileira ⁽¹⁾. Conheci REGINA MOUSINHO no decurso de algumas semanas de estadia em Portugal, pela maior parte passadas no campo. Sabia pelo meu excelente colega PIERRE BIROT que esta jovem brasileira alcançara o seu nível de exigência. Em Trás-os-Montes e no Algarve tive ocasião de apreciar nela as qualidades essenciais do geógrafo: capacidade de observação, imaginação, constante confronto entre a realidade e o raciocínio teórico que permite descrever e interpretar. Talvez tenha germinado em terreno propício esta sementeira ocasional. Anos depois voltamos a encontrar-nos no Brasil, fizemos juntos algumas excursões na Guanabara e no Estado da Bahia. Como ensinei em vários países e o Centro de Estudos Geográficos recebe bolseiros de diversas nacionalidades, tenho acompanhado o desenvolvimento científico de vários jovens. Surpreendeu-me e agradou-me o amadurecimento que notei em REGINA MOUSINHO — e não deixei de lho comunicar. Quando uma divergência de interpretação nos fez percorrer em passo acelerado as margens do Paraguaçu, no entusiasmo de resolver a contradição entre níveis eustáticos e climáticos (em favor de REGINA MOUSINHO, naturalmente), DÉA ERDENS, outra jovem companheira de trabalho, fez este pitoresco comentário: «Porreta, como o velho anda e eu estou tão cansada!» Emprestei a REGINA MOUSINHO os meus cadernos de viagens no Brasil, do Amapá à Santa Catarina, e neles reconheceu o «pioneirismo» das minhas observações, deplorando que não as tivesse publicado naquele tempo distante. «Geomorfologia da beira da estrada», dizia com pitoresco sentido crítico o saudososo CARL TROLL, que queria evocar aqui como o maior geógrafo alemão do nosso tempo e um dos maiores desde que a Geografia existe. Nunca tive pressa de publicar e sempre gostei, como um artifice brioso, de executar trabalho bem acabado. Por isso apenas me servi das observações brasileiras a título comparativo.

Numa dessas viagens o transporte enguiçou por umas horas em Cruz das Almas (os Portugueses espalharam pelo mundo nomes bonitos). Lembro-me, ao acaso de uma conversa sem rumo, de termos evocado as grandes arquitecturas musicais e científicas do Renascimento ao Romantismo e a mais pura voz poética da nossa língua comum depois de Fernando Pessoa: Cecília Meireles. Talvez REGINA MOUSINHO tenha apreciado no seu ocasional professor o que tanto surpreendeu e agradou aos meus alunos espanhóis, canadianos e brasileiros: fazer brotar a Geo-

⁽¹⁾ MARIA REGINA MOUSINHO DE MEIS, *Contribuição ao Estudo do Terciário Superior e Quaternário da Baixada da Guanabara*, Dissertação de Doutoramento em Geografia apresentada à Universidade de Lisboa, em Novembro de 1976, 238 p. policopiadas, 2 mapas fora do texto.

grafia de um horizonte cultural muito amplo e inserir no travejamento da Ciência rigor e imaginação.

Não mais deixámos de estar em contacto, por correspondência frequente e por breves estadias que REGINA MOUSINHO fez, à sua custa, em Vale de Lobos, refúgio cheio de ressonâncias literárias, mas refúgio onde os geógrafos são sempre bem vindos. Aí, com SUZANNE DAVEAU e comigo, foi minuciosamente discutida a tese doutoral que estamos apreciando. E prosseguiu na Lousã, que é, há quarenta anos, o fecundo terreno de confronto entre a evolução das formas e os testemunhos dos depósitos correlativos.

A bibliografia de REGINA MOUSINHO é vasta, em várias línguas, inserta em revistas de grande prestígio científico, parte dela em colaboração *interdisciplinar* com geólogos e sedimentólogos que anuncia a orientação da presente tese.

A autora deixou-a amadurecer lentamente, intervalando-a com outros cuidados e dedicando-a muito justamente aos três filhos que não lhe interromperam a carreira científica. Refiro o facto porque vem no livro e relevo o seu carácter exemplar, hoje que tantas moças sentem o despertar da vocação sem por isso se obrigarem a ser uma espécie de vestais da Ciência, com empobrecimento das suas qualidades humanas. Ajudei talvez REGINA MOUSINHO a conciliar o seu destino de mulher com a vocação intelectual — e isto explicará mais um vínculo entre a jovem investigadora brasileira e o seu velho e episódico professor português.

Nesta altura sinto-me obrigado a explicar porque acompanhei uma dissertação num campo de trabalho que não me é familiar. Nunca usei antolhos na Ciência, orientei ou discuti trabalhos não só em Geografia como em História, Etnologia e Geologia, eu próprio fiz trabalhos nestas três ciências sempre que elas constituíam um apoio às minhas obras de geógrafo; e até nos meus tempos distantes de leitor na Sorbonne incitei e acompanhei teses de História da Literatura. Foi para mim sempre aliciante esta aventura intelectual de penetrar, com sentido crítico, o pensamento alheio. Com os trabalhos e excursões de GALOPIM DE CARVALHO vi como se podia utilizar a sedimentologia nos problemas da evolução das formas. A tese que está mais longe da minha configuração intelectual é a de JORGE GASPAR — e, acompanhando a sua elaboração, comprovei a minha capacidade de aceitar métodos novos e o meu gosto de aprender com todos os que escolheram trabalhar comigo.

Posto isto, e dado que a discussão técnica está a cargo de quem tem experiência para fazê-la (GALOPIM DE CARVALHO), cabe-me apreciar esta tese no seu conjunto, na economia da matéria e na surpreendente oposição entre a obra e o temperamento da sua autora.

Duas viagens ao Brasil, em 1952 e em 1956, permitiram-me ver como mudara a óptica geomorfológica e a hierarquia dos problemas. Na primeira dominavam as ideias de DE MARTONNE e do seu discípulo F. RUELLAN, atraídos principalmente por um relevo de morros de rocha,

próximos ou mesmo sobranceiros do litoral e sujeitos a um processo intenso de recuo de vertentes, corroídos por um manto mais ou menos espesso de alteração donde emergem os Fães de Açúcar, espécie de *Inselberge* sujeitos a intensa reabrupção das vertentes limpas de detritos. Em 1956, por ocasião de um curso de altos estudos consecutivos ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, BIROT martelava ainda vigorosamente os morros cristalinos mas outros geomorfólogos, na esteira de CARL TROLL, preocupavam-se com os mantos de alteração e o enigma das *stone-lines* na base desses mantos, sem dúvida alimentadas por cascalheiras saídas dos filões de quartzo das rochas cristalinas. Entre estas duas diretorizas de pesquisa REGINA MOUSINHO optou pela segunda, tomando a direcção extrema de estudar sedimentologicamente as formações detriticas, pouco aludindo aos relevos que as enquadram. Talvez por isso nada nos diz das meias-laranjas que TROLL considerou derivadas de um nível de aplanagem, tal é a sua regularidade. Por mim acrescentaria que essa aplanagem se deve ter feito em rocha nua (evacuação dos detritos à medida que progredia o arrasamento) e que uma rede muito complexa e ramificada de fracturas abriu passo à agressão facilitada pelo apodrecimento da rocha, ganhando o manto detritico as partes altas e mesmo o cimo das meias-laranjas. Elas seriam assim, por falta de altura inicial, uma espécie de morros cristalinos abortados e, por isso mesmo, sujeitos a uma alteração mais profunda. Simples «palpite» que deixo à sagacidade de REGINA MOUSINHO elucidar.

A área coberta pelo seu trabalho enquadra-se numa das mais imponentes paisagens de montanha sobranceiras ao litoral. Daí a existência das formações recentes e uma sedimentação continental sempre influenciada pelos relevos que dominam as baixadas, por uma tectónica que se reconhece cada vez mais jovem, pelas modalidades de alteração e de transporte numa zona de flutuação climática que, sendo sempre quente, não parece ter escapado à incidência de episódios áridos. Relevo e clima susceptíveis de criar as mais complexas e aparentemente contraditórias condições de sedimentação. Se o «grupo Barreiras» conserva unidade do Pará ao estado do Rio — tive ocasião de o observar na cidadezinha que dele tirou o nome, onde se admira uma das mais belas discordâncias do Globo, sobre o embasamento cristalino —, constituindo assim seguro ponto de referência, as formações designadas pela autora de «pré-Macacu» e de «Macacu» são esfarrapadas e não têm unidade de *facies*, o que lhes dá aparência não só divergente mas até contraditória. A autora não recuou perante a dificuldade e o emprego de múltiplos artificios de pesquisa, desde a observação de cortes ocasionais para a exploração de barro (por isso sujeitos a desaparecer), a sondagens esporádicas e a um rigoroso tratamento estatístico das observações de campo e de laboratório, até levar o leitor à aceitação dos seus resultados. Todo este trabalho é original, sem os apoios bibliográficos que a autora teria encontrado se se aplicasse ao estudo dos aspectos mais «vistosos» do relevo. Ele constitui o que eu chamaria exemplo de austeridade científica — trabalho árduo e árido em comparação com as brilhantes

conclusões dos seus estudos da Amazónia — desde o tempo de HUMBOLDT paraíso de geógrafos e naturalistas.

Apenas desejo fazer-lhe duas observações. Uma diz respeito ao ambiente árido de depósitos que passam sob o nível do mar — portanto em posição baixa numa fase glaciária. No mundo mediterrâneo, que a certa altura REGINA MOUSINHO evoca comparativamente, é durante os interglaciários que se nota o retorno episódico de processos semiáridos, depois da grande crise de desertificação do Villafranquiano, provavelmente mais aproximada dos desertos frios da Argentina do que do Sáhara. Há aqui uma inversão dos processos morfoclimáticos que não vejo como explicar (nem tudo se explica, aprendi com o meu mestre DE MARTONNE): de qualquer modo, este esquema clássico está sofrendo modificações que nem sempre o tornam mais claro e coerente.

A outra é de natureza epistemológica. A autora praticou uma ou outra vez a *observação aleatória*, passível de um tratamento estocástico, parecendo preferi-la à *observação selectiva*, como sempre a exerceram geógrafos e naturalistas. A meu ver, só esta permite uma acumulação de experiência que aguça a visão e pode tornar a interpretação luminosa. REGINA MOUSINHO, dentro da austeridade científica que já referi, parece recear ou subestimar este «coeficiente pessoal» que imprime em todo o trabalho científico a marca do seu autor. Nunca a nossa ciência dispôs tanto de gráficos de correlação, de modelos e de aparelhos. Creio por isso útil reflectir sobre o papel da imaginação criadora destes «instrumentos de perfuração analítica» (como dizem os matemáticos) e da qualificação interpretativa a que os seus resultados têm de ser submetidos. Há certa rigidez na valorização de métodos que, a meu ver, contrasta com a inteligência flexível e imaginativa da autora. É um esforço de rigor e de objectividade de quem quis revelar num trabalho de circunstância o conhecimento e justa aplicação das regras do officio. O que é legítimo — tenho de reconhecer.

O largo recurso aos métodos da sedimentologia pode fazer surgir a dúvida sobre a adequação deste trabalho a um doutoramento em Geografia. Mas só um geógrafo podia delinear o ambiente morfoclimático destas formações detríticas (sem esquecer uma inconsiderada acção humana de quase cinco séculos), as *rampas* ⁽²⁾ em que se inserem, as pausas no encaixe dos rios, as relações entre os depósitos, o nível do mar, os episódios do clima. Este trabalho situa-se na fronteira interdisciplinar entre a Geologia e a Geografia física. Se o seu conteúdo é principalmente sedimentológico, o quadro e o fio condutor mostram o pleno domínio dos recursos de pesquisa da Geomorfologia. A convergência de métodos permite um conveniente esclarecimento do problema fundamental da evolução das formas.

E, para terminar, algumas observações de estilo. Passo pela construção da frase, que tanto está afastando o seu português do meu,

(2) Não tenho dúvidas em adoptar este termo em vez de *ladeira* (*glacis*).

para me deter em pormenores de terminologia. A autora emprega os deselegantes anglicismos *inconformidade* (mas uma vez *discordância*), *rudáceos* (aliás um excelente latinismo, mas aqui e ali *seixos*), *conspício* — que quer dizer illustre — por *evidente*, *plotar* por *pontear* ou *pontuar*... *et j'en passe!* Ocorre-me evocar o patriarca da Mineralogia em Portugal e no Brasil, JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, natural de Santos; aluno e depois lente da Universidade de Coimbra, obreiro da independência do Império, ministro de D. Pedro I, preceptor de seu filho, refugiado na velhice na ilha de Paquetá, isolado e amargurado pela ingratidão dos poderosos. Um destino bem típico de Brasileiro, que hauriu na Europa a sólida cultura clássica que era a dos homens ilustrados desse tempo. REGINA MOUSINHO, que tão exigente se mostra com o próprio trabalho, não deve despreocupar-se de certa perfeição formal, para ela tão fácil de alcançar. Em contrapartida temos de reconhecer que a nossa terminologia afrancesada — *soco*, *wisto*, *grés* — foi vantajosamente recriada no Brasil em moldes mais próprios do génio da língua: *embasamento*, *folhelho*, *arenito*.

É este o décimo doutoramento em que intervenho directamente, sendo um na Faculdade de Ciências e três na Universidade de Coimbra. Reveste-se da circunstância relevante de nos ter escolhido para nos submeter os seus trabalhos uma professora e investigadora que fez longos estágios em França, nos Estados Unidos e na Alemanha, em cujas Universidades em breve irá proferir conferências e que tem usado o inglês e o francês nos seus trabalhos científicos. Há vinte anos que GAETANO FERRO, hoje director do Instituto de Geografia e da Faculdade de Magistério da Universidade de Génova, aqui preparou a sua tese de livre-docência, apresentada na Itália mas tratando de um tema português: a monografia geográfica do Algarve. É hoje um colega prestigioso que me honra em se considerar meu discípulo: em todo o caso, um dos que mais se aproxima do meu modo de conceber e de elaborar a Geografia.

REGINA MOUSINHO apresenta-nos temas brasileiros, dentro de preocupações de três membros do júri que no Brasil tiveram ensejo de fazer pesquisa pessoal. Passo por alto jovens geógrafos de vários países que aqui procuraram documentação e orientação — aqui e no campo da Universidade aberta a que aludi no começo desta argumentação. Assim se reforça, neste convívio internacional, a qualidade do trabalho dos geógrafos portugueses, que surpreendeu os que participaram no primeiro Congresso Internacional de Geografia depois da Guerra, em 1949. Confirmando e pondo à prova uma orientação, procurei, no que fui seguido pelos colaboradores de uma obra comum, não mais afastar dela o Centro de Estudos Geográficos que durante mais de trinta anos, alguns de euforia e muitos de amargura, dirigi à minha maneira, procurando a síntese entre o humanismo, subjacentê a qualquer empreendimento científico, e a ciência de rigor na descrição e na interpretação das formas da superfície terrestre — incluindo as que o homem cria ou modifica — que constitui o exercício de toda a Geografia.

Penso que é desvanecedor para a nossa Universidade o doutoramento de REGINA MOUSINHO. Procurei mostrar, a despeito de divergências de atitude, quanto a sua dissertação representa numa qualificação científica que corresponde às maiores exigências. Numa carreira já sobejamente demonstrada, este passo é uma confirmação e uma promessa. Quem, superando dificuldades e limitações, chegou aqui, há-de continuar. Creio exprimir o sentimento de todos augurando a REGINA MOUSINHO um seguro, brilhante e operoso futuro científico.

ORLANDO RIBEIRO